

O papel do funcionamento projectivo na alergia infantil (*)

ANA MARIA PINA MARTINS (**)

Frequentemente nos deparamos na clínica infantil com crianças trazidas à consulta por queixas relacionadas com separações difíceis. Muitas vezes adaptam-se mal à entrada ou a mudanças de escola ou de rotina. Outras vezes a indicação da consulta parte dos professores devido a problemas de aprendizagem, demonstram então, aquando da avaliação, largas dificuldades nos campos das estruturações espaço-temporais e da motricidade. Uma investigação da história clínica destas crianças reporta-nos muitas vezes a presença da patologia alérgica. Patologia presente mas desligada, segundo a tradicional divisão de saberes: ao saber médico a doença orgânica, ao entendimento psicológico o funcionamento mental. Reapreciar o reverso da medalha implica, a nosso ver, uma lógica do negativo, como adiante lhe chamaremos. Implica questionar a coexistência destas perturbações, equacioná-la sob o ponto de vista do funcionamento projectivo. O que ali se patenteia como impossibili-

dade de separação ou perturbação instrumental (Misés et al., 1988) e que coabita então com a doença alérgica em processos que parecem falar pela concretude e pela facticidade ao invés de pela polissémia que lembrem ocultar.

A sintomatologia das crianças que sabemos sofrerem de alergia (e que não são, é claro, consultadas por este motivo) faz realçar as dificuldades de separação. O funcionamento avaliado pelos testes projectivos põe em evidência o vazio desenhando-se no lugar das referências objectais, a permanência da relação bidimensional. Face a este quadro seduz, impõe-se e satisfaz a explicação pela carência. Porém as crianças são existentes, ainda que o não sejam em ipseidade, em alteridade. Existentes pela sua realidade corporal, pela sua história, pelas suas formas particulares de sentir e pensar, ainda que as não possamos captar individualizadas. E, à contraluz, omnipresente, continua a insinuar-se a carência, a falha. De mentalização, de elaboração. Aquilo que ficou aquém do simbolizável.

Daqueles parâmetros em falta poderemos falar com acerto e extensão, todavia, o nosso discurso não irá encontrar o que lá está, o que é presente, o que se acha no lugar da «ausência de»: ausência do material interno, amadurecido na gestação relacional, constituinte do psiquismo, marca indelével do que é pessoal e único. Para ir ao encontro do que é existente há que entender as suas

(*) Trabalho realizado no âmbito da Bolsa de Doutoramento concedida pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, ao abrigo do 2.º Quadro Comunitário de Apoio.

(**) Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.

manifestações, as formas pelas quais se apresenta. Então poderemos ver surgir, no negativo da carência, lugar virtual da ausência, o relevo do funcionamento projectivo e defensivo da criança alérgica.

Então, uma operação há que largamente se manifesta, uma conduta de redução ao idêntico que se pode equiparar a uma generalização arbitrária e que possibilita à criança uma manutenção esforçada, sob o império do materno, de um aplanamento e equalização relacional.

No lugar transformador da metáfora o dispendioso e árduo reencontrar com objectos parciais, fugazes, mutantes, que não fornecem constância nem conferem estabilidade ou coerência à representação. Coordenadas indistintas e imprecisas de um corpo que de si não consegue sequer referenciar a realidade tangível.

Coloca-se perante este quadro a questão da depressão. Depressão particular, muda quanto ao afecto depressivo mas bem evidente quanto ao efeito atrofiante no desenvolvimento do *self*. A criança alérgica não *está* deprimida, ela *é* deprimida. O afecto não pôde entretecer a trama e a teia dos impossíveis desdobramentos e multiplicidades a emergirem da relação primeira. Ele ficou coagulado na matriz, espaço imanente que aprisiona e retém.

Perante esta latência paralisada do devir a criança alérgica mantém-se beirando o desequilíbrio, perpetuado pela emergência incontornável do estranho, pela inoperância intransponível dos processos reequilibradores postos perante um rosto outro que não *o rosto*, aquele que corpóreo e pela corporalidade capta, desatento e pela ausência captura. Impossibilitada da diferenciação, e sem outros meios de construção de si que os que lhe são impostos, a criança alérgica edifica todo um sistema relacional que não considera o outro na sua alteridade, reduzindo por isso a diversidade à percepção do idêntico. Ela permanece, mercê da sua elaboração projectiva, presa de uma etapa em que o rosto da mãe constitui ainda uma totalidade indestrinçável com o seu próprio rosto. Enquanto poder funcionar sob a égide desta prevalência estará ao abrigo de produzir uma crise alérgica. Consiste então a estratégia em apagar as diferenças, reduzindo todos os rostos a um rosto único. Predomina assim uma relação espacial bidimensional, marcada pela prevalência do materno, numa proximidade

de onde a alteridade está excluída. Uma espécie de permanência num estado indistinto onde as características sensório-motoras do desenvolvimento permanecem em toda a sua importância na relação estabelecida. A aproximação do tridimensional faz avizinhar o impasse relacional. A importância da imagem especular assume aqui diferentes proporções. Da reduplicação do próprio à introdução da presença do outro a estranheza, basculando os mecanismos de redução ao idêntico e transformando em estranho o outrora familiar.

A problemática da diferença é, de facto, o centro das vivências da criança alérgica: é impossível a separação e o adquirir de uma identidade autónoma pois que se trata de uma questão de não existência de objecto espelhante. Acontece então, paradoxalmente, um objecto único, de dimensões cegas, intoleráveis mas imprescindíveis. Cegas para o outro/criança, nas suas características, necessidades pessoais e significação afectiva, intoleráveis porque abarcam tudo, não deixando espaço para o devir da autonomia.

A criança alérgica vive uma relação indistinta e indistinguível, no limite da tensão defensiva. Ela usa mecanismos de redução ao idêntico que visam manter a ilusão do objecto único, da identidade inalterável e universal. A criança alérgica vive a não existência de um objecto diferenciador e diferenciável.

A temática do rosto, da face e de tudo quanto por ela vive e nela se desenha, que surge com tão particular premência no funcionamento projectivo da criança alérgica, repousa na questão do olhar enquanto existência relacional que constrói, desde a mais tenra infância, a natureza predicativa da identidade humana. A qualidade da interacção entre a mãe e a criança está relacionada com a qualidade do contacto visual que entre ambas se estabelece (Keller & Gauda, 1987). Será um olhar atento, contingente (Lebovivi, 1983), olhar banhado pela rêverie materna (Bion) que pode edificar naquela relação uma atribuição qualificativa, atribuição de sentido que comporta a co-construção de significantes, na matriz do pensamento materno, por processos que têm como veículo primeiro as modulações afectivas que temperam as trocas relacionais diádicas.

Se a criança for tida em conta na relação primária o processo de adaptação será mútuo – ao

exercer um papel sincronizador dos ritmos de vida da criança a mãe irá, ao mesmo tempo, aprendendo as características únicas da individualidade nascente do seu filho. Irá aprender a dar-lhe as respostas adequadas, a permitir-lhe que ele exerça as suas potencialidades de aprendizagem e exploração do seu meio e, portanto, de conhecimento de si e dos resultados das suas acções transformadoras – «*representações de transformação*» (Bollas, 1978) – organizadoras e construtoras dos conceitos de alteridade objectal e da afirmação de si. Estes ficarão prejudicados se os ritmos de vida e o funcionamento corporal forem espartilhados. E o próprio corpo ficará desaposado se, instrumentalizado, não permitir o desenvolver de uma organização corporal pessoal e autêntica.

Identificada à mãe cuidadora uma criança poderá unificar as suas experiências conferindo-lhes um significado cimentado pelo afecto, que então conhece e reconhece. Estabelecerá ligações, conexões, poderá pensar. Articula-se no seu corpo, a constituir um espaço e um tempo, e ao objecto – diferenciado e separado. Está pois colocada em causa uma relação que remonta aos primeiros tempos de vida. Algo que, constituindo a criança, constitui o seu corpo, pela relação diádica, por interposição de um espaço de ilusão materno em que a criança é o *bebé expectativa da mãe* mediatizado por tudo o que ela em si transporta das suas próprias relações infantis. Algo que é eminentemente relacional. Gauthier (1999) refere-se-lhe como um processo de constituição de um «*corpo relacional*», onde residem biológico e imaginário: «*a organização corporal [da criança] é assim o reflexo da organização psíquica da mãe, em função dos laços que esta estabeleceu com a sua mãe e a sua cultura*» (p. 131). Trata-se, na alergia, de um conjunto especial mãe/bebé onde cada um parece conviver com um espaço outro: mãe com conteúdos psíquicos arredados da criança, esta com um pseudo-continente, espaço não cicatricial da falha, mas antes o negativo da inter-relação com o parceiro diádico, com o objecto narcisante.

Igualmente se coloca a questão do funcionamento triangular, tríade narcísica. A indiferenciação na relação primária não resulta apenas de uma qualidade do materno mas reflecte também a não existência do elemento terceiro, diferenciador. Assim as sedes da parentalidade ficam

indistintas, e, sendo o *self* formado pelas representações internalizadas que as figuras de vinculação têm da criança, o que se constitui não é uma trama familiar triangular, propiciatória da individualidade, campo potencial onde se ampliaria a edificação íntima da história pessoal, mas sim um espaço aglutinante, sem lugar ao enriquecimento e diversidade do fantasma. Não se trata de uma questão da concretude do número de elementos da família nuclear, nem sequer da assunção de papéis. O seu resultado é, antes, uma indistinção essencial na unidade originária como relação diferenciada que a criança estabelece com cada um dos pais. O fulcro do caso remonta a um nível mais básico, o de uma verdadeira indefinição das identidades parentais.

Constitui-se com isso um espaço atractor, que funciona como conglomerado e percipitado de uma cadeia relacional de alastramento transgeracional. Patologia do destino, como lhe chama Gauthier (1993) em cuja construção os pais colaboram. Face àquele espaço não pode haver a integração do todo, apenas são apreendidas partes, não unificadas pela tessitura do afecto que, de outro modo, teria podido criar a função simbolizante, em co-construção (porque advinda e cruzada por diferentes pólos) de significações e sentidos. Estas partes funcionam à semelhança do objecto parcial, como objectos desligados, carecendo de significação. Designamo-los por objectos flutuantes, dada a sua não inserção ideativa e o seu não acesso à categoria de materiais criadores, geradores do imaginário. De par com aqueles, outros encontramos que são como lampejos fugazes, remanescentes mnésicos esparsos, a constituir representações que, logo que se vislumbram se transformam, dando lugar a sucedâneos de dimensões incoerentes e espacialidades reversíveis e interpenetráveis. São aquilo a que chamamos objectos mutantes, de uma qualidade aplanadora e niveladora da diferença.

Entender o adoecer somático à luz da psicanálise clássica revela-se um procedimento que se depara com um obstáculo epistemológico, pois que a psicanálise, que teve início no estudo da histeria e dos seus fenómenos expressivos e alcançou o seu corolário na definição do papel da sexualidade psíquica, erigiu todo o seu edifício metapsicológico e teórico-clínico através da construção de laços de sentido. Sobre essas formulações Dejours (1989), recorrendo ao concei-

to freudiano de apoio da pulsão sobre a função fisiológica, fala em «*subversão libidinal*», recriação metafórica do corpo erógeno sobre a funcionalidade original do corpo físico: perante a literalidade do fisiológico a curvatura do desejo. Nesta perspectiva, as doenças somáticas não mais constituirão «*o resultado exclusivo de anomalias fisiopatológicas*», mas passarão a poder ser encaradas «*como o resultado de processos psicopatológicos marcados pela desorganização da economia erótica*» (p. 124), num cruzamento com a escolha do órgão atingido pela sua vulnerabilidade constitutiva. Assim, Dejours, numa espécie de nostalgia do Projecto (Freud, 1966 [1897]) vaticina que um diálogo entre a psicanálise, a biologia e as neurociências conduza à criação de uma metapsicologia que a Freud não chegou a ser possível elaborar.

Meta-entendimento que continua a ser contínuo não mapeado sujeito a explicações que se antagonizam. Com efeito, a compreensão e caracterização dos processos psicológicos envolvidos na psicossomática em geral, como na alergia infantil, depara-se com uma dificuldade, a do encontro de uma terminologia que atenda à especificidade de uma patologia que tem sede no corpo. Como se a abordagem conjunta de vertentes há muito desligadas no plano conceptual e prático, o psíquico e o somático, tropeçasse a todo o passo num obstáculo incontornável, o da inexistência léxica de um terreno comum. Pensamos que esse território do encontro se poderá situar provavelmente no lado da prática clínica antes que possa ser encontrado no da meta-construção teórica e que no primeiro reside o perigo de se poder achar prejudicado pelos a-prioris nefastos que de uma incorrecta e faciosa utilização do segundo possam advir.

O intuito de compreensão do que está em causa na criança alérgica encontra nas vicissitudes porque passam os processos identificatórios o seu fulcro principal de atenção e descobre as formas particulares de esta se colocar perante si e o mundo. A propósito da identificação da criança alérgica, Szweg (1993), num conceito que diz ter-lhe sido sugerido por Denise Braunschweig classificou-as como identificação por mimetismo. Com este termo designa uma modalidade em que a criança se identifica, de uma forma quase alucinatória, ao objecto em falta na mãe com o fim de servir a negação materna da

castração, anulando essa falta e, com isso, a sua própria presença. Segundo Szweg esta configuração equipara-se ao que Fain (1969) designa como o cumprimento do fantasma de manutenção do feto *in utero* que atribui à mãe da criança asmática. Pensamos que, mais do que uma identificação à falta existente no psiquismo materno, se trata de uma identificação *pela falta*, das funções propiciatórias da identificação não exercidas por esse mesmo psiquismo. Uma introjecção em falha, identificação não ao vazio fantasmático mas antes de natureza corporal, à presença remanescente do corpo, alheio e alheado.

João dos Santos (1971), salienta o papel do conhecimento e da experiência espaço-temporais nas primeiras aprendizagens escolares (cálculo, leitura e escrita): «*o que é objectivamente investido, sentido e percebido, é primeiro uma experiência corporal (incorporar) para se tornar depois uma experiência interior ou subjectiva (introjectar)*» (p. 58). A introjecção é, segundo Ferenczi (1912), um mecanismo de defesa neurótico, que ressurgue terapêuticamente na análise através do processo transferencial, e que visa captar e integrar no Eu a maior parte possível do mundo exterior, uma forma relacional constituída por uma avidez integrativa. Tal como os investimentos objectais são extensões do próprio, a introjecção é um alongamento do Eu alicerçada nas relações objectais primárias. No caso da criança alérgica o que existe é uma excessiva força de captação pelo objecto materno que lhe configura corpo e psiquismo, não lhe permitindo desenvolver um *self* distinto. Aquilo que Marty (1963) designa como investimento próprio à relação objectal alérgica, de todo o objecto como bom até prova em contrário e que conduz, no processo terapêutico e transferencial, à chamada relação branca, constitui então uma pseudo-introjecção, uma forma de identificação mimética que actua por absorção e colagem, num mecanismo de direcção semelhante ao designado como identificação heteropática e centrípeta por Laplanche e Pontalis (1990). Constituirá nessa medida um alongamento particular da identificação primária.

Na infância precoce a criança tem uma dependência absoluta dos cuidados físicos e afectivos prestados pela mãe, ambas estão mergulhadas num «banho» comum e, nessa idade, «*a unidade não é o indivíduo, a unidade é um contexto de*

ambiente-indivíduo» (Winnicott, 1958, p. 99). Nesse meio a sustentação, além de física tem que ser afectiva, que proporcionar à criança as experiências de modificação do *self*. De outro modo ser-lhe-á dificultada ou mesmo impedida a integração psique-soma, o desenvolvimento. Dito de outra forma, para que o processo de maturação e integração psico-fisiológica tenha lugar a criança terá que alguma vez poder ter tido a ilusão de haver criado o objecto, e para que esse objecto ganhe existência separada, consistência e fiabilidade, é necessário que ele possa sobreviver à sua própria destruição, demonstrando existir e permanecer para além do controlo onnipotente que inicialmente o «criou».

A associação entre a motricidade e as representações imagéticas ficou patente quando Fritsch e Hitzig, nos finais do século XIX (1870), estudavam o córtex cerebral, deparando-se com áreas que concatenavam intrinsecamente movimento e pensamento. Esta combinação de factores, entre o físico e o psicológico, viria a ser reforçada e repensada por novos autores, nomeadamente Wallon e Piaget. Se o corpo não criar a partir do seu interior as suas próprias coordenadas tempo-espaciais ficarão comprometidos, numa perspectiva fenomenológica e de desenvolvimento, o conhecimento, a evolução e a sensorialidade.

O bebé recém-nascido encontra-se, nos seus primeiros tempos imerso num universo onde o seu vivido corporal engloba a mãe e onde não existe a diferença. Da progressiva integração funcional e do enriquecimento gradual que parte da conjugação dos primeiros esquemas sensorio-motores, o aparelho cognitivo-afectivo do bebé integra-se, alarga-se e consolida-se (Piaget). A transformação do vivido corporal em representações executa-se através de uma projecção corporal primordial que tem o corpo como esquema inicial de todas as representações temporais, espaciais e, como corolário, objectais. Deste modo, a integração funcional da criança, dá-se gradual e progressivamente pela apropriação e redescoberta do seu corpo libidinizado (banhado pelos afectos) e é condição fundamental para o funcionamento do processo projectivo. Não é inoportuno ter presente que «um grau razoável de adaptação às necessidades do bebé oferece as melhores hipóteses possíveis à edificação precoce de uma relação sólida entre a psique e o soma» (Winnicott, 1969, p. 195). É o afecto ligado

ao desejo que é transformador, e apenas a re-colocação dos laços afectivos onde habite o desejo de outrém, cadinho de transformações, potenciador e propiciador de internalizações mutativas, poderá demudar a cadeia estéril da repetição e impasse relacional.

Quando os afectos desenham formas de cuidados materno-infantis desligados do encontro transformacional (Bollas, 1978) com os conteúdos pré-conceptuais da criança, o que se lhe proporciona são imperativos corporais exteriorizados que conformam, em toda a acepção da palavra, o seu funcionamento, físico e projectivo. Este duplo funcionamento figura duas instâncias, corpo-real e corpo imaginário (Sami-Ali, 1977). Em psicossomática, definir um funcionamento, terá necessariamente de ter em conta estes vectores, e o encontro com as patologias que têm lugar no corpo real terá que passar por uma postura que vá ao encontro desse mesmo lugar do corpo e não numa tradução explicativa baseada no modelo das psiconeuroses (buscar o significado latente do sintoma, se adoptarmos o modelo da histeria, onde o corpo fala a linguagem do sonho, procurar a lacuna de simbolização se seguirmos o modelo da psicose, ou indagar as carências de elaboração mental se atendermos ao modelo da neurose actual). Amaral Dias, à luz da teoria bioniana, considera o sintoma psicossomático como «*anti-significação ou desistência de um significado ou como significado mentiroso*» (p. 44). Consideramos que há, de facto, que introduzir neste entendimento uma lógica do negativo, acrescentando que o reverso do imaginário a configurar o sintoma só pode ter lugar na outra face que é constituída pelo corpo real e pelos avatares da sua constituição. Essa compreensão permitirá perceber que ao que a criança alérgica se identifica é a um ritmo e significação outros que lhe são fornecidos por uma instância externa que lhe ordena corpo e psiquismo.

Ao apreciarmos o Rorschach de crianças alérgicas verificamos então uma dificuldade fundamental em configurar coordenadas espaciais sólidas perante a ausência ou a inconstância ou inconsistência de referências internas disponíveis, a impossibilidade de integração de referências corporais dispersas num esquema pessoal uno, uma custosa e periclitante conduta defensiva que visa manter a ilusão de um objecto único, uma sensibilidade marcada à experiência táctil e

aos ritmos, a prevalência da temática do rosto como lugar de perplexidade perante a constituição de uma impossível identidade. A angústia, muitas vezes intensa nestas crianças, tem um assento assinalável no corpo, manifestando-se pela agitação motora ou pela sideração da quietude, e residindo frequentemente na tonicidade e coordenação do movimento, de um modo (já assinalado por Gauthier, 1993, ao estudar crianças com dermatite atópica) e que permite pensar nos pólos da actividade/passividade como promotores ou dificultadores da diferenciação corporal e psíquica.

Acentuamos uma perspectiva sobre a construção das modalidades de resposta da criança alérgica no Rorschach, prestando atenção às suas oscilações entre corpo imaginário e corpo real e, muito particularmente, à sua conduta projectiva em relação com as peníveis tentativas de referência num corpo que não conjuga, não integra, em última análise: que não lhe pertence. Acreditamos ser necessário alargar o estudo da situação Rorschach e da sua interpretação tendo em conta a existência de particularidades do funcionamento psicossomático que não se manifestam no plano dos conteúdos mas no plano formal, dos continentes. Pensamos que, para compreender o Rorschach em psicossomática, há que integrar uma atenção às modalidades preceptivas e relacionais que precedem a génese da verbalização e, às suas formas de se exprimirem por meio de um material com características sensoriais tão fortes quanto o Rorschach. Constituindo aí processos nascentes mais do que conteúdos emergentes.

Espaço formal e ao mesmo tempo informe o Rorschach comporta uma ambiguidade intrínseca, convida à expressão sugerindo pistas: uma forma sobre um fundo – a presença de algo, vagamente, confusamente figurativo – ele está lá; e, expressando, configurando a forma, cores, em gradientes subtis ou manchas espessas, de diferentes definições – ele permite a referência, quiçá a enunciação ou a evocação.

Na apresentação dos cartões fica sempre uma deixa (um prolongamento): «o que é que isto podia ser?» Fica também, sempre, um acolhimento, o do clínico, convite a um espaço interior de transformação. Mais individual embora ainda e sempre relacional posto que habitado pelas palavras e pelo que ficou, como memória ou afecto,

para além delas, na resposta Rorschach, da presença do outro. Nas respostas dadas estende-se a possibilidade/impossibilidade do sonho (ainda prolongamentos...). Assim, é a relação que habita o Rorschach e é por ele habitada. E é ela a única que lhe dá sentido. Ainda que aquela deixa, de que falámos há pouco, venha a encontrar apenas a sideração ou a factualidade.

A situação Rorschach tem os seus protagonistas, os dois que se movimentam no aqui – e – agora e aqueles, das marcas da presença ou vestígios da ausência. O que nela é dito, agido, o que nela tem lugar, é quota-parte de todos. Acontece pois aí a configuração do sujeito na relação. Na urdidura da relação, uma expressão profunda que é o precipitado de uma dimensão comum. É porque a marca do outro nunca está em absoluto ausente que a resposta Rorschach comporta em si um funcionamento e uma situação de vida. Comum e porém própria, interna mas relacional. Nessa resposta, sempre mais larga que o verbalizado, está o aparente e o ignoto, mesmo o desconhecido e o indecifrável (e esse, o que assim deve permanecer: o âmago). E, por dentro de tudo isto, os alicerces mais básicos e primevos. Tão básicos que são os primeiros constituintes do sujeito na relação. Tão iniciais que, se não constituídos, deles apenas se encontra a planura de uma pobremente ilusória definição de volumetria; ou a aridez infértil do que não pôde, à falta de meios, ser construído como casa; ou a errância esgotante na senda de uma reduplicação fictícia do objecto tornado único. É por isso necessário poder entender na resposta Rorschach que também existe, aquém da espessura fantasmática e da dimensão simbólica, esta outra e mais antiga, que é a da representação, primordial, onde aquela assenta: o corpo como esquema de representação mental do espaço e do tempo. Há que poder estar apto a encontrar também, nas respostas Rorschach, toda essa expressão do processo projectivo. Para ele concorre a projecção condutora e guia da sensorio-motricidade como actividade do conhecimento e construtora da subjectividade.

A fantasia implica a pertença, o desdobramento a assunção da individualidade. Conheço na medida em que me conheço, ou isto a que chamo conhecimento não radicar num processo interno. Porém, a forma como me expresso conterà sempre o traço da matriz em que foi forjada, e é

sempre ela que vai configurar aquilo que denomino ou sinto. As dimensões do corpo prolongando-se na organização subjacente à resposta Rorschach: patenteando as qualidades da representação da sua própria espacialidade, nas localizações no cartão (com o seu alto e baixo, esquerda e direita, zonas central e periférica), da sua temporalidade (na sequência das respostas – regrediente ou progrediente, dispersa ou integrada, podendo oscilar entre as diversas modalidades por que a projecção se exerce).

Na criança alérgica a questão central é a da identidade, e a articulação projectiva fica capturada num espaço fechado que não permite a confrontação com um terceiro: é o impasse, que bloqueia o acesso à autonomia, onde para «existir» há que «não ser» e qualquer esboço deste equivale à perda de si. As estratégias empregues consistem em reduzir e anular a diferença. Operando por sucessivas reduções elabora-se a conformação ao primado do materno. Destaca-se quanto a este aspecto uma nota sobre o lugar ocupado pelo primeiro e pelo último cartões na relação com o clínico e, por consequência, no desenrolar de uma possível situação de confronto com o estranho. O espaço da indiferenciação anuncia o pólo alergia/psicose, prefigurando por vezes angústias de destruição muito arcaicas.

Passamos então a examinar um protocolo de Rorschach de uma criança que sofre de dermatite atópica. O Bernardo tem 9 anos de idade. Depois de alguns anos de preocupações maternas com as condutas do filho sem que qualquer iniciativa fosse tomada, sempre com uma reticência que impedia de procurar directamente ajuda, os problemas agravaram-se e a criança foi finalmente encaminhada pelo seu pediatra para uma psicoterapia.

Centra-se então a questão em torno dos sons. O Bernardo tem medo de dormir sozinho, de tal forma que agora lhe é impossível dormir sem ser na cama dos pais. Qualquer tentativa em contrário por parte da mãe é acompanhada de tal choro e aflição que, ao cabo de algum tempo, esta desiste esgotada e angustiada.

Não é aquele o único medo do Bernardo pois não suporta também permanecer sem companhia numa divisão da casa, ainda que por pouco tempo. Tem medo do escuro e começara a demonstrar receio em relação à escola e aos colegas.

A criança tem pesadelos terríveis que refere,

já em consulta, coadjuvado e secundado pela mãe que relata de imediato factos ou sonhos idênticos semelhantes aos do filho e ocorridos com ela própria. A mãe refere frequentemente associações pessoais a factos passados com o filho, e este, por sua vez, com a mãe, de tal modo que chegam a induzir confusão sobre quem está a contar a história de quem. É neste processo que tomamos conhecimento da dermatite atópica de que a criança sofre.

A mãe apresenta uma angústia visível que a faz relatar a sua história pessoal, em conjugação com a do filho, chegando a afirmar procurar uma ajuda psicoterapêutica junto com o filho, sem distinção assumida de pessoas, locais ou horários. Da história que relata avulta a relação quase simbiótica que manteve com a sua própria mãe, falecida aquando da gravidez do Bernardo. Avulta também a depressão em que submergiu então, reavivada na altura do nascimento da filha mais nova (quatro anos mais nova que o Bernardo), devido ao suicídio do irmão, de quem a família era particularmente próxima, mas devido, essencialmente, ao segundo casamento do pai, de quem se confessa a preferida. Cabe aqui referir a existência de uma tia materna, alguns anos mais nova que a mãe do Bernardo.

O menino apresenta resultados escolares razoáveis que se ressentem contudo na área da aritmética. Diz não saber desenhar «os outros sim!», diz-se ainda pouco habilidoso e confessa a sua pena de «não ser engenhocas como os colegas». Conta que quando crescer há-de ter o seu «automóvel veloz», com que há-de «sair para fora em viagem, conhecer o mundo».

A relação com a irmã é conflituosa, com a mãe a indistinção marca-se no tempo, no espaço e no imaginário, e assim a mãe confessa que o Bernardo a tem que acompanhar para todo o lado onde vai «pois aterra-se e angustia-se em extremo quando está sozinho», que de outro modo ficam «ambos aflitos» pois não suporta «imaginar que ele possa estar mal». No campo da pertença das temporalidades a mãe aponta, junto da professora ou do médico, o filho como causa dos atrasos aos seus compromissos. A indistinção de papéis fica também patente na tomada das decisões, por uma reversão de papéis é sempre à criança que cabe a última palavra. Se o tentam contrariar o desespero e o choro logo ocorrem.

O Rorschach que se passa a considerar é re-

colhido no início da observação. Não se integrarão na sua apreciação os elementos decorrentes das entrevistas clínicas que aqui figuram a título ilustrativo.

PROTOCOLO DE RORSCHACH DE BERNARDO,
9 ANOS: ANÁLISE CARTÃO POR CARTÃO

Cartão I

1 – ^ *Uma janela. Podia ser uma janela.*

Dbl F- Arq.

→D/G

Inquérito: *Aqui.* (Aponta vários Dbl centrais).
E o resto era a casa.

2 – ^ *Um cão, com dentes.*

Gbl F+ Ad

Ai!... +

Inquérito: (G) *As orelhas, o cabelo, os dentes, os olhos* (Dbl) *e a pontinha do nariz.* (?) *A cabeça do cão.*

3 – ^ *Uma cara de um morcego.*

G bl F+ Ad (Ban)

→D/G

Inquérito: (G) *Os olhos* (Dbl), *as asas.*

O espaço vazio da figura impõe-se, «*uma janela*», mas vêm posteriormente a ser apontados vários detalhes (Dbl), é o detalhe que dá o nome à coisa. O objecto parcelar, o que se apresenta perante o vislumbre do reconhecimento, que não pode ser concebido na sua unidade essencial. A denominação do singular (o conteúdo apontado – «*janela*») confunde-se com a do plural (a das localizações – os vários Dbl centrais). Imprecisão de identidade. Onde não reside a possibilidade do comutativo da nomeação, está ausente a do recíproco da identificação.

«*A casa*» virá depois, depois de percorrida toda uma panóplia de nomeações/reconhecimen-

tos. Só depois virá a palavra, a unificação dificultosa (*a posteriori*) do todo. Agora, é o espaço da ausência que se apresenta. Com sentido, com nome, mas por si só. Coisa desligada, que se abre sobre o vazio. Objecto flutuante que se destaca da penumbra do representável. Esse, espaço nominável sobrepondo-se, mesclando-se, na relação com o clínico, o estranho (parceiro estranho numa relação estranhamente próxima e estranhamente distante): espaço potencial de muitas interrogações sem formulação, espaço de perda do familiar, comporta esta súmula de indefinição, trama de vazios, teia de afectos porventura desatempados ou perdidos.

A «*casa*» é ainda a expressão da imago materna pré-genital, que surge perante a vivência do vazio, vivência que se acentua na insistência sobre o vazio dos espaços. O sentimento de segurança anda daqui ausente. Logo em seguida, então, a angústia deste vazio que se fez sentir, desencadeada por essa imago de uma viscosidade inicial, encontra expressão na temática da oralidade.

Configura-se o objecto após a estranheza inicial. Configura-se como coisa inteira «*um cão*», que foi construída de retalhos, significações paulatinamente reconhecíveis e integráveis num todo primeiro, senhor de uma totalidade, «*outridade*» perturbante, consubstanciada na face, lugar capital do reconhecimento. Desta, nesta, «*os dentes*» são aquelas marcas da oralidade numa relação com o materno que engloba, incorpora, aprisiona. As marcas do rosto são os lugares dos sentidos que neles têm sede.

Aqui o todo, «*um cão*», é definido pela parte, «*a cabeça do cão*». Esboça-se essa configuração da face como o habitáculo de processos internos de regulação que resultam num equacionar do diverso, que não do distinto.

Manifesta-se então a angústia acompanhada por uma expressão somática, a leve agitação motora que dá mostras do desconforto contido na situação.

É agora a parte, «*uma cara*» que define o todo, «*um morcego*». E ambos os espaços, sendo incongruentes, não são incompatíveis, «*os olhos*» e «*as asas*» podem coexistir na mesma dimensão. Na bi-dimensionalidade daquela relação primeira onde se ficou, aprisionado.

Este cartão representa a entrada em contacto com o material da prova, material que aqui é o

mediador da comunicação, da relação com o clínico. O que acontece é o patentear da dissemelhança num espaço de grande proximidade com a mancha, retrato da inquietante proximidade relacional. Os olhos e o próprio rosto são as janelas, numa «*casa*» imagem do corpo que logo após se transforma em rosto. Os espaços vazios da mancha continuam a ser os organizadores da percepção. É o corpo que se condensa no rosto e o rosto que assume as dimensões do corpo. É a ausência de um rosto como lugar da identidade, como lugar do reconhecimento idiosincrático e da atribuição individual de sentido. O que de outro modo teria sido olhado, em relação ao qual teria sido respeitada a contribuição pessoal e única para uma organização significativa.

Cartão II

(Respira fundo). ++

4 – V *Uma bola... que tem manchas vermelhas.*

D D bl F- C Obj
→G →E

Não sei mais nada.

Inquérito: *A bola era isto.* (D negros e D verm. inf.). *Aqui também* (D bl entral). *Isto* (aponta D verms. laterais), *é que eu não consegui saber qual era a finalidade... Ah, já sei! Era uma coisa que se espetava no chão para pôr a bola em cima.*

Adicional – *Parece uma bolacha também.* (Dbl central). [Dbl F- Alim.]

I.L. – [(Animais?) *Não.*]

Desenha-se neste cartão uma nivelção de estruturas espaciais que prefigura uma individualidade inalcançada.

Existem no início da resposta indicadores corporais da angústia. Começa por fazer uma tentativa de reunificação da mancha bilateral, e isto a partir do seu centro, integrando o espaço vazio, «*uma bola*». Os pedaços da mancha não integráveis são os que se encontram na periferia desse espaço central. Apenas é possível estabele-

cer para eles uma relação de complementaridade, ilusória porque forçada, com a primeira designação formulada. «*Uma coisa que se espetava no chão para pôr a bola em cima*». De novo a «*coisa*», material incerto para uma representação incerta.

O comentário, «*não sei mais nada*» denota o afastamento de uma conduta interpretativa, representação outra que vem de fora, que restringe o jogo cruzado da percepção e da projecção, e com a qual estas se procuram coadunar.

Na resposta adicional reduz-se ainda mais o campo preceptivo e é unicamente interpretado o espaço vazio central, «*uma bolacha*», onde se retoma a temática da oralidade, agora de forma passiva, impessoal, sem ressonância objectal afectiva.

O confronto com o estranho causa agora um fechamento ao espaço relacional, patenteando-se uma impossibilidade de diferenciação, uma regressão formal. Parece dar-se um processo de regulação da focagem de lentes, num esgotamento de recursos que faz ressaltar o espaço atractor do objecto materno, continente alheado que espartilha o conteúdo, sem atenção nem regozijo.

Cartão III

V^V +

5 – V *Um vestido com um laço... Ao lado tem dois cabides.*

D / G F- Obj

Não sei mais nada.

Inquérito: *O vestido* (D negros lats.), *o laço* (habitual), *os botões* (D negros infs. centrais), *e os cabides* (D verms. sups.) *de onde ele tirou a roupa.* (?) *Está a vestir-se a si próprio. Só que a cabeça não aparece.*

I.L. – [(Pessoas?) – *Não vejo.*]

Retoma a necessidade de reunificação da figura (mancha acentuadamente bipartida) numa interpretação única, «*um vestido com um laço*». Imagem de cobertura, despida de vida, que colmata o vazio interior, o espaço central que assim é recoberto pelo conteúdo evocado.

Os detalhes laterais estão desligados «*dois ca-*

bides», numa relação funcional, por similitude de conteúdo, que alastra o teor e o espaço da representação, estabelecendo uma sucessão de respostas por derrame da resposta inicial.

A diferenciação só se estabelece quando existem objectos que se destacam pela significação, de outro modo serão englobados num todo único. A percepção globalizante, como mecanismo de redução ao idêntico aqui operado, e a imprecisão de que dá nota em termos de identidade, estão relacionadas com uma não individualidade do materno: rosto que não se destaca pelo olhar que não olha, pelos olhos que não foram olhados, e por essa relação de mutualidade indivisível onde se revê aquele que olha nesse que é olhado, até ao infinito, em múltiplas transmutações criadoras de profundidade e propiciadoras das ramificações e cruzamentos do espaço psíquico.

Não existe verdadeira complementaridade, apenas aderência de conteúdos: «*um vestido com um laço*» que foram tirados dos «*cabides*», em disparidade de correspondência numérica, onde os elementos da realidade (as duas manchas laterais) se impõem como coisas em si, não se integrando na significação.

Num segundo tempo (inquérito), a enumeração dos detalhes perante a retomada da resposta. Por último vem a inclusão do anónimo onde se entrecruzam as difíceis ligações, «*ele*» – «*...de onde ele tirou a roupa*» o inominado e sem rosto cuja «*cabeça não aparece*». Assim as pessoas, resposta frequentemente dada neste cartão (banalidade), de forma aparentemente contraditória não são vistas, porque o problema se recoloca na inexistência de um rosto amante, presença anónima e indistinta que não atenta nem confere individualidade.

Cartão IV

V<^>V

6 - ^ *Parece pele, de um urso, ou qualquer coisa, Qualquer animal.*

G FE A Ban
→Clob

Não sei mais nada! É difícil! (Diz entoando).

Inquérito: *As mandíbulas* (Dd no D sup).

central)... *Parece um tapete. Um animal... Daqueles dos filmes de desenhos animados... Por causa destas manchinhas* (E no negro).

Toda a resposta é um conjunto de defesas erigido contra uma representação super-egóica ansiogénica: um animal forte mas desvitalizado, evocado com precaução verbal «*parece pele, de um urso*», imagem que não se mantém e é atravessada por algo que balanceia, «*ou qualquer coisa. Qualquer animal*», algo indefinido, sem um suporte sólido da condição vivente, mas que é, realmente, animado de vitalidade, «*animal*».

Dá-se aqui um esboço imagóico compósito onde as tonalidades do paterno são leves e fugazes. Mais do que esse nível «*é difícil*», tão difícil quanto a sua impossível separação.

As «*mandíbulas*», que são de novo a marca de uma oralidade ligada a um espaço materno englobante, porventura agressivo, devorador, mostram também contra o quê as sucessivas defesas são erigidas (a desvitalização, o isolamento, o afastamento espaço-temporal).

Se o material e a situação da prova recriam um espaço/tempo de confrontação com o desconhecido e o diferente, eles provocam consequentemente a necessidade de um reajustamento interno defensivo. A criança mantém o seu nível de adequação formal e adaptação, porém à custa de um dispêndio considerável de energia. O nível progrediente da resposta está ligado ao carácter compacto da mancha que, como factor exterior, ajudou a configurar o todo.

Cartão V

Ah, este é fácil!

7 - ^ *Parece-me um morcego... preto. + Um morcego. Parece um morcego.*

G Kan C' A Ban

Inquérito: *Está a voar.*

É com alívio que surge a resposta global: «*Ah, esta é fácil!*», globalidade que, apesar de tudo, não se mantém sem esforço pois não se impõe com nitidez. O apoio na realidade (na cor), as repetições e as verbalizações de dúvida disso dão

nota: «*Parece-me um morcego... preto. (...) Um morcego. Parece um morcego*». A abolição do pronome reflexo na última afirmação acentua o carácter da dúvida, a impessoalidade e o vago da resposta.

A confrontação com o alheamento afectivo do objecto, bem como a reorganização, são tributárias e dependentes da acção exterior, não permitindo lugar para a individualidade.

Cartão VI

^>V^<

8 – V *Um gato, todo esticado. No chão, a dormir.* +

G F+ A
→Kan

Prontos, não sei mais nada!

Inquérito: *Os bigodes, as patinhas... O gato, esticado.*

De novo a ansiedade com expressão corporal é a nota de abertura (através das reviravoltas do cartão), talvez a procura das referências preceptivas da mancha como elementos essenciais ao processo de criação da resposta, «*Um gato, todo esticado*». É aliás neste sentido que funcionam as referências a pormenores, pequenos detalhes ou características menos pessoais e projectivas do estímulo (tais como a cor – C – ou os seus gradientes – E): defesas pela realidade no sentido da adesão/colagem sem elaboração.

O conteúdo descreve uma vida latente, movimento embrionário mas cristalizado de reconhecimento das solicitações dinâmicas do cartão, «*no chão, a dormir*». A seguir a placagem: «*não sei mais nada!*».

Também este «*gato esticado*», de vitalidade inexistente, se inscreve no quadro das condutas de redução das diferenças.

Cartão VII

V ... ^ + + +

9 – V *Assim parece uma menina. Com pernas, braços e cabeça.*

G F+ H

Inquérito: *Aqui os olhos* (Dd nos D infs. do terceiro 1/3). *O cabelo eu imaginei. A cabeça aqui em cima* (mesma localização em D). *Não se vê lá muito bem... Os braços* (D centrais do segundo 1/3), *as pernas* (D sups. do primeiro 1/3).

10 – ^ E *assim também parece um cortanozes.*

G F- Obj

Inquérito: *A parte do meio* (Dbl central) e *as partes que cortam as nozes* (D negros).

O grande vazio central a provocar a angústia do vazio, a necessidade de acentuar a resposta pela globalidade, «*Parece uma menina*», a enumeração é o recurso aos detalhes como forma de conferir sentido. Referenciação corporal num movimento especular de complementaridade e projecção da imagem do corpo.

A «*cabeça*» que «*não se vê lá muito bem*» está para esta figura na razão da sua relação com o materno, imagem interna que se desenha pela negativa e pela ausência. O «*corta-nozes*» é uma imagem indistinta, agressiva e sem marca de eco afectivo, de um continente que não contém mas antes se fecha e se espartilha, ignorando a carência, desconhecendo a qualificação da individualidade.

Cartão VIII

11 – V *Parece uma cara de um palhaço. Com cabelo. Cabelo cor-de-rosa, com uma peruca cor-de-laranja, olhos azuis, uma boca azul mais clarinho. Olhos cor-de-rosa, também.*

G F- C Hd

Inquérito: *Aqui são os olhos dele* (D cinzas sups.), *aqui é a máscara que ele pôs, são os olhos da máscara* (D azuis centrais). *Aqui é o cabelo dele* (D laranjas lats.), *e aqui é a peruca* (D laranja sup.). *Eu não gosto de ele ter estes*

dois olhos (Aponta as duas localizações diferentes e faz ar de estranheza).

I. L. – [(Animais?) – *Não vejo.*]

O elemento cor, que aparece neste cartão, contribui para a identificação, como referência do real concreto, das partes no todo da figura construída: «*uma cara de um palhaço.*» Porém, a sua variedade comporta um apelo de multiplicidade que resulta numa interposição da diferença, anulada por duplicação de conteúdos e localizações e dando conta do mal-estar que sobressai desta confrontação com o estranho; «*Aqui são os olhos dele, aqui é a máscara que ele pôs, são os olhos da máscara (...)* Eu não gosto de ele ter estes dois olhos.» Assistiu-se a este mesmo processo de focagem de lentes, e que foi por metáfora referido no cartão II (cartão de introdução de uma nova cor, no caso o vermelho).

Cartão IX

12 – V *Isto parece um desenho às cores. Com muitas cores, com cor-de-laranja, verde, e com cor-de-rosa.*

G CF Abst / H

Já está.

Inquérito: (Olha atentamente). **O desenho de um menino. Os braços** (D azuis laterais), **as pernas** (D laranjas sup.), **o corpo** (D central), **a cabeça** (D rosas inf.).

A dificuldade de estruturação da resposta inerente à interpenetração de cores e fluidez do cartão apenas permite uma nomeação de cores incluídas em conteúdo impreciso «*Um desenho às cores. Com muitas cores (...)*». Num segundo tempo dá um conteúdo humano, «*Um menino*», que é visto em espelho num gradiente de aproximação e afastamento com o corpo próprio (com o cartão em posição inversa).

Existe nesta criança um vislumbre muito embrionário para além de um espaço materno simbiótico e aprisionante, mas trata-se de um terreno armadilhado pelo perigo da despersonalização: destino e vicissitude da identidade quando tanto a aproximação como o afastamento são impossí-

veis pois que o outro termo se trata de um lugar virtual de ausência, espaço do negativo reificado, de um lugar da não-existência.

Cartão X

13 – ^ *Parece uma torre, com foguetes à volta, a amandar. E a torre é toda às cores, e os foguetes também.*

G KobC Pais / Elm

Inquérito: **A torre** (D cinzas sup.), **e os foguetes é o resto tudo.**

I. L. – (Aranhas?) – *Não.*

(Caranguejos?) – *Não.*

Adicional – [**Aqui é que me parecem passarinhos.** (D amarelos centrais inf.)].

[**D F+ A**]

A prova termina (e a situação é uma situação de finalização) por uma conduta ténue de reestruturação narcísica (em volta do eixo central), «*uma torre*», logo abandonada em detrimento de uma explosão pulsional em que sujeito e objecto são indistintos: «*com foguetes à volta, a amandar*». A situação conduziu acentuado desconforto e recolocação de toda a problemática da identidade.

Neste psicograma o número de respostas aparece francamente diminuído, denotando uma abordagem limitada quanto aos conteúdos apresentados. Apesar disso verifica-se, em termos qualitativos, um tipo de resposta com verbalização mais extensa, aonde por vezes as imagens projectadas alternam, dando nota de uma imprecisão em termos de imagem corporal. Uma realidade dificilmente integrável, que não se apresenta com contornos estáveis.

Há uma acentuação das respostas de configuração global. A projecção é exercida sobre a globalidade dos perceptos evocados e, quando alterada, altera-se também no seu conjunto. Não se trata de uma imagem corporal uma mas de uma impossibilidade de que se exerça maleabilidade projectiva em relação a uma imagem do corpo que não é autónoma do «objecto»: na indistinção corpo e objecto são um só e apenas é possível que se configurem sob a mesma medida. Parale-

Prova das Escolhas:

Escolhas + :

I e X

[*Posso dizer as que gostei mais ou menos? (Podes.) Foram destas: IX e V. As outras não foi nada.*

IX – (?) *Gostei menos por causa da cabeça.*

V – (?) *Por causa disto. (Aponta D inf. centrais). (?) Parece umas pernas. (?) De um homem, transformado... em morcego. Não gosto!]*

Escolhas – :

III e VII

Escolhas + :

I – *A preta. (?) Por causa da cor. (?) O cão está a tramar alguma coisa. (?) Vai saltar para cima de uma pessoa. Tem cara de mau. (Porque é que vai saltar?) Porque lhe estavam a fazer mal.*

X – *Por causa das cores. Tem muitas cores, muitas cores, variadas. E eu adoro cores!*

Escolhas – :

III – *Tinha o pescoço muito largo, e não tinha cabeça. Era esquisito. (?) O que eu não gosto é de não ter cabeça.*

VII – *Não gosto dos olhos aqui (Manchas Dd E no D inf. central), e da cabeça.*

Psicograma

R = 13

Recusas = 0

Tendências Recusa = 0

Ban = 2 ↘

(IV e V)

(Ban) = 1

(I)

Modos de apreensão:

G = 11 G = 8
85% G bl = 2
D/G bl = 1
D = 2 Dbl = 1
15% D D bl = 1

Dd = 0
0%

Dbl = 0
0%

Do = 0
0%

Determinantes:

F = 7 F + = 4
F - = 3
F + / - = 0

K = 0

Kp = 0

Kan = 1

Kob = 1

FC = 4
CF = 1
C = 0

FE = 1
EF = 0
E = 0

F Clob = 0
Clob F = 0
Clob = 0

Conteúdos:

A = 3 (A) = 0

Ad = 2 (Ad) = 0

H = 1 (H) = 0

Hd = 1 (Hd) = 0

Obj = 3 23%

Arq = 1 8%

Abst = 1 8%

Pais = 1 8%

Escolhas + : I e X

Escolhas - : III e VII

Tipos de apreensão:

≡
G D Dd Dbl Do

F % = 54 %

F + % = 57 % ↘

A % = 38 % ↘

H % = 15 % ↗

R. C. % = 23 % ↘ ↘

F % a = 100 % ↗ ↗ ↗

F + % a = 62 %

T. R. I. = 1 K / 3,5 ∑ C

Extratensivo Misto
(c/ polo C muito pronunciado)

Elementos qualitativos:

**Eq. Choque: II; III; IV;
VI; VII**

lamente verifica-se um empobrecimento das respostas de detalhe, grande detalhe, inversamente proporcional ao acentuado investimento nas respostas globais. É a maleabilidade de representação corporal que resulta empobrecida.

Verifica-se uma existência muito diminuta de outras respostas para além das formais. A única prevalência para além daquelas é a da cor, denotando a sensibilidade às referências provenientes da realidade externa. Reforçando esta apreciação, o tipo de ressonância íntima é extratensivo. Trata-se de um protocolo sem introdução projectiva do movimento mas com expressão do pólo cor.

A abordagem projectiva fica presa das configurações que assumem as manchas e, é apenas quando integra as suas outras determinantes, que as respostas alcançam níveis de qualidade formal. Esta não deixa, no entanto, de ser fraca. À imprecisão projectiva alia-se uma grande restituidade na adequação à conformidade social das imagens evocadas. Há uma mutabilidade que não encontra possibilidade interna de manter uma representação estável e coerente de si. O uso diminuto das banalidades tem a ver com o movimento (regrediente ou progrediente) das respostas.

O conteúdo humano é uma resposta possível mas dificultosa em termos de integração das referências corporais.

Não há neste protocolo uma busca de identificação, como seria próprio à idade da criança em causa, mas sim um movimento anterior e muito mais passivo, que se relaciona ainda com a identidade primária: o «ser-se», um corpo representado, uma amplitude de representação, uma identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bollas, C. (1978). The transformational object. *International Journal of Psycho-Analysis*, 60, 97-107.
- Dejours, C. (1989). *Recherches psychanalytiques sur le corps. Répression et subversion en psychosomatique*. Paris: Payot.
- Dias, C. A. (1992). *Aventuras de Ali-Babá nos túmulos de Ur, Ensaio psicanalítico sobre a somatopsicose*. Lisboa: Fenda.
- Fain, M. (1969). Réflexions sur la structure allergique. *Revue Française de Psychanalyse*, 33 (2), 227-241.
- Ferenczi, S. (1968). *Transfert et introjection, Psychanalyse, I*. Paris: Payot. [Obra original publicada, 1912].
- Freud, S. (1966). Project for a Scientific Psychology. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 281-397). London: Hogarth Press. (Obra original publicada, 1950 [1897]).
- Gauthier, J.-M. (1993). *L'enfant malade de sa peau. Approche psychosomatique de l'allergie précoce*. Paris: Dunod.
- Gauthier, J.-M. (1999). Pour un redéploiement de la notion d'étayage en psychanalyse. In J.-M. Gauthier (Ed.), *Le corps de l'enfant psychotique. Approche psychosomatique de la psychose infantile* (pp. 130-134). Paris: Dunod.
- Keller, H., & Gauda G. (1987). Eye contact in the first months of life and its developmental consequences. *Psychobiology and Early Development*, 23 (2), 129-143.
- Lebovici, S. (1983). *Le nourrisson, la mère et le psychanalyste. Les interactions précoces*. Paris: Païdos.
- Marty, P., David, C., & M'uzan, M. (1963). *L'investigation psychosomatique*. Paris: PUF.
- Misès, R., Fortineau, J., Jeamment, Ph., Lang, J.-L., Mazet, Ph., Plantade, A., & Quémada, N. (1988). Classification française des troubles mentaux de l'enfant et de l'adolescent. *Psychiatrie de l'Enfant*, 31 (1), 67-191.
- Sami-Ali (1977). *Corps réel. Corps imaginaire. Pour une épistémologie psychanalytique*. Paris: Dunod.
- Santos, J. (1971). *A Casa da Praia. O psicanalista na escola*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Szwec, G. (1993). *La psychosomatique de l'enfant asthmatique. Apport des psychothérapies psychanalytiques à la connaissance d'un déséquilibre psychosomatique*. Paris: PUF.
- Winnicott, D. W. (1958). *Collected papers*. London: Tavistock Pub..
- Winnicott, D. W. (1969). *La première année de la vie. De la pédiatrie à la psychanalyse*. Paris: Payot.

RESUMO

Para a autora não é possível basear o estudo da psicossomática em conceitos psicanalíticos clássicos dado estes permanecerem estreitamente associados à sua fonte: à investigação dos traços de significação que formam os sintomas histéricos.

A apreciação de protocolos de Rorschach de crianças alérgicas permite considerar a projecção corporal e os processos de redução das diferenças que aí têm lugar, como constituindo o aspecto principal do funcionamento destas crianças.

Considera-se que para identificar esta espécie particular de funcionamento há que construir uma forma

diferente de apreciar as produções Rorschach. Apresenta-se ainda uma possível contribuição para esta nova metodologia.

Palavras-chave: Psicossomática, alergia, crianças, Rorschach, projecção, identidade.

ABSTRACT

The author stands that in order to study psychosomatics it is not valid to use a theoretical model supported by classic psychoanalytic concepts which remain

closely associated to their source: the study of symbolic characteristics of hysterical symptoms.

The assessment of Rorschach protocols obtained from allergic children allows her to consider corporal projection and reduction of differences as the main characteristics of their functioning.

The author believes that to identify this particular kind of achievement one as to construct a different approach in order to understand Rorschach productions. She also advances a suitable contribution for a possible new methodology.

Key words: Psychosomatic, allergy, children, Rorschach, projection, identity.